

DESTERRO

Por Carolina Cunha Pereira Frutuozo

Era uma noite fresca de primavera, véspera de feriado. A última confissão já havia sacramentado. Expediente terminado, o sacristão acendeu as velas do altar e retirou-se para seus aposentos, muito cansado. Mais uma solitária noite havia começado: Momento em que posso viver aquilo que me foi privado. Livrei-me da batina como quem se livra de um fardo pesado. Mas mesmo em vestes comuns, eu ainda sentia o peso do sagrado.

Em paz me deitei, mas não peguei de imediato no sono. Estava agoniado. *“Só tu, Senhor, me faz repousar tranquilo... Mas o mundo... Ah! O mundo me mantém acordado”*. Pela janela, a Guerra Santa. Medo, morte, fome e peste, o inferno camuflado. Aqui dentro, paraíso bem-aventurado: Ouro, prata, abundância e poder. Poder, de divino disfarçado. Mas que força tem uma alma, em universos abalroados? Que força tem um grão de areia na estrutura de um arenito, em camadas fixado? Passamos na mentira acreditar, se de mentiras o mundo é formado. Passamos de injustiça viver, se o contraste é deliberado. Não. Não há o que fazer. Permaneço atado. Sem opção, aceitei ser uma alma livre com um corpo atado. Abracei uma vida servil com um coração inconformado. Então, como de costume, engoli minhas rebeldias e acabei me deitando, a contragosto, resignado. *“Sei que meu rebanho, lá fora, repousa em um chão gelado”*. Porém, não há espaço para dissidências aqui no sagrado. Logo, em paz, pego no sono, por fino leito acalentado. *“Mas sei que tu, Senhor, não me queres assim, tão privilegiado”*. Fizestenos imagem para haver semelhança, mas por áureos muros somos separados. *“Perdoe-me, Senhor, perdoe este teu servo diferenciado”*. O sono trouxe-me paz, mas logo foi arruinado: Lá embaixo, nas pesadas portas de carvalho, um bater cadenciado. Acordei. E nada fiz. Lá fora, o vento corria desenfreado. Nuvens, umidade, relâmpagos, uma tempestade havia chegado. *“É só o vento, batendo contra a porta o cadeado”*. E como se ouvisse minha conclusão, o bater aumentou sua frequência, já enfezado. Era um bater, agora distinto, um bater desesperado. E entre os sons, gemidos surdos, como súplicas, um som indeterminado. Estremeci. E, novamente, nada fiz. *“Não abra a Igreja durante a noite”*, foi-me decretado. Mas aquele bater... aquele bater desesperado. Aquela som estranho, único, me deixava intrigado. Não conseguia dormir indiferente àquele som tão eivado. *“Senhor, o que faço? Guie meus passos. À sua vontade quero ser levado”*. E tão logo recebi uma resposta do Elevado: O escabroso som, de repente, foi exacerbado. Pareciam gritos vindos de um lado. Sem hesitar, eu me levantei. Certo de que aquilo era um chamado. Desci as escadas e corri para a porta do templo, que tremia com os clamores exasperados. Mas quando abri as

pesadas trincas, fiquei abismado. Nada havia lá fora senão a noite e um céu estrelado.

Fechei as pesadas portas, totalmente assombrado. Seria tudo ilusão? Talvez um sonho, um delírio obstinado? Decerto eram aquelas ideias, deixando-me treloucado. Arrependi-me. Lamentei questionar as ações da Santa Igreja, e de todo seu legado. Como fui tolo! Com certeza, aquelas ideias eram o Renegado. Invocando minha ira, semeando em mim revolta contra o que por Deus foi determinado. *“Ah, maldito! Tentando perturbar-me para que eu passe para seu lado!”*. Então, dirigi-me ao altar, profundamente envergonhado. *“Perdão, Senhor, por mais este pecado. Não deixarei mais que ideias tão frívolas me conduzam a atos impensados”*. Seguro e em paz, após minhas orações ter finalizado, dirigi-me aos meus aposentos. Mas tão logo pus os pés fora da Igreja, ouvi nas pesadas portas o mesmo batido descompassado. *“Senhor!”*, supliquei. *“Senhor, estou aterrorizado!”*. Mas indiferente às súplicas, o som sinistro seguia deliberado. Em meu peito, um misto de medo e dúvida. E em meus ombros, o peso de meus supostos pecados. Como Cristo no deserto, estaria eu sendo testado? O bater seguia arrebatado, mesmo sem nada haver do outro lado. Mas não mais cedi ao chamado indelicado. *“Seja o que for, não posso deixá-lo entrar neste local sagrado”*. E quanto mais negava aquele som pesado, mais era tentado. *“Senhor, o que queres de mim? Por favor, mande-me seu recado!”*. Tão logo pedi, à dúvida tive o esclarecimento adequado. Atrás do altar, alguém, ou alguma coisa tocou, do órgão, o teclado. E toda igreja foi invadida por aquele som imaculado. Tremi. Será que alguém havia entrado? Era meu dever verificar: Fui andando com cuidado. E ao chegar, ufa! Suspirei aliviado. Era só um pássaro. Um tordo, rubro, esfomeado, andando pelo teclado.

Mistério solucionado, e os solavancos na porta haviam cessado. Mas como? Que poder tem um pequeno pássaro sobre um portão tão pesado? Como poderia, daqui de dentro, bater na porta desesperado? Fiquei assustado. Aquilo era ilógico. Inexplicado. *“Certamente é o Inimigo, o Excomungado, perturbando a casa de Deus com seus pecados”*. Mesmo ressabiado, enchi-me de coragem e enxotei o pássaro do teclado. Mas ao invés de fugir assustado, ele ficou irritado. Virou-se, invocado, abriu suas asas e emitiu um som surdo, aquele som assombrado. E fitou-me nos olhos com um olhar profundo, tal como gente, um olhar humanizado. E naquele momento senti minha alma estremecer: Aquele olhar já havia me olhado! Soltei um grito de pavor. Mas o pássaro sequer se mostrou abalado. Continuou a me lançar aquele olhar, maldito olhar, tão profundo, tão arraigado. E o horror crescia, na medida em que eu sabia: Naquele olhar eu já havia olhado! E mesmo que eu quisesse, nada que eu fizesse me libertava daquele fardo. Desviava o olhar, evitava o pensamento, mas meu espírito estava fígado. *“Senhor! Ajude-me!”*, mas eu não era aclamado. De tão tolo que eu era, eu não via que com aquele olhar eu já era ajudado. Como o Famigerado foge da cruz, eu fugia

daquela luz, daquele olhar tão apaixonado. Foi então que o tordo, rubro e amarelado, alçou voo pelo templo sagrado. Cada farfalhar de asas parecia aumentado, e a cada gorjeio, aquele som amargurado. O bater de suas asas deixava todo o céu irado: Vento, raios, trovões, e pesada chuva batendo contra o telhado. O meu medo aumentava, e por isso eu sentia que aquela criatura, aquele animal precisava ser parado. Mas como o fazer, se ele me fazia tremer, só por ele eu ser olhado? Antes que eu pudesse pensar, o vento fez pesar sobre o velho cadeado. A pesada porta cedeu de tanto o vento ter-lhe forçado. Em meio àquela tempestade sinistra, mil tordos vieram à vista: Mil olhares que eu já tinha olhado! E não bastando me fitar, começaram a cantar aquele som amaldiçoado.

Corri para o abrigo do sacristão, fugindo daquela maldição, mas o terror já estava interiorizado. Não era mais o olhar que sofria, tampouco o som que estremecia, era na alma que ardia aquele olhar dilacerado. Em claro desespero, pus-me de joelhos, comecei a rezar... Mas, para que orar, se o mal já havia entrado? Então, determinado, peguei água benta e cruz para exorcizar o Desterrado. Lutando contra tudo e contra mim, voltei para a Igreja em meio à sinfonia do Desalmado. Tal qual cavaleiro cruzado, tomaria de volta a casa de Deus, ou então seria cruelmente tomado. Levantei a cruz contra as aves, proferi palavras do Livro Sagrado. Mas a cada frase divina proferida, um canto elaborado. *“O dogma mal-intencionado supera a mentira em demasiado”*, bradavam lá do telhado. Eu prosseguia, motivado, mas da ira eles tinham comungado. *“Uns nascem para o doce gozo ainda, outros nascem para uma noite infinda”*, bradava o coro endemoniado. E tão racional e sensível era aquela canção, que eu fraquejava em minha oração, ficava desorientado. De tal forma que comecei a pensar que o maligno estava no dogma, proferido sem ser praticado. Repetia as palavras de um livro, mas era da vida que vinha o Sagrado. Queria regrar o mundo, consertar o concerto da verdade, mas eram meus princípios que estavam desconcertados. Mas, ainda que do coro viessem verdades, como ordenar o desordenado? Como expulsar o Excomungado? Como continuar a resistir sendo tão fortemente tentado?

Procurei refúgio na imagem do altar, Cristo crucificado. E então encontrei aquele olhar humano, que na ave eu tinha olhado. Um olhar que em minha alma havia penetrado. Era um simples olhar, mas me deixava fascinado. Era apenas a razão, atormentando meu corpo dissimulado. Senti meu temor ser esmiuçado. Tentava arduamente, mas meu olhar não podia ser desviado. E de tanto olhar aqueles olhos, meu olhar acabou contaminado. Meus propósitos foram repensados. De que vale uma vida sacra, em um templo dourado, se a virtude tem voo livre, tal tordo rubro e amarelado? De que vale o dogma irado, se a tolerância é mais clemente? De que vale um pastor abastado se seu rebanho é carente? Aos poucos, fui acalentado. A sinfonia diminuía, até que logo o bando foi dispersado. Concluí minhas orações, mas, por fim, eu é que fui exorcizado. Livrei-me do mundo, vesti-me de mim, fiquei renovado.

O céu derramava pesadas gotas, mas já não estava mais irado. Deixei a batina e minha cruz, e cobri-me daquele olhar que minha alma tinha tocado. Sem olhar para trás, deixei a áurea casa de Deus, sabendo que lá ele nunca havia habitado. Parti para o mundo, espalhando pelos homens aquele olhar que havia me fascinado. Hoje, sou um profano livre mais útil que um divido encarcerado. E mesmo sendo aos olhos alheios um reles desterrado, àqueles olhos incríveis, sei que sou abençoado.